

VÁ PARA FORA CÁ DENTRO – CAMILO EM TEMPOS DE CRISE

André Corrêa de SÁ*

- **RESUMO:** Os leitores de Camilo Castelo Branco (1825-1890) estão familiarizados com descrições de “brasileiros de torna-viagem” predominantemente baseadas em motivos pouco lisonjeiros. Por muito adequado que possa parecer aos olhos do autor português, esse tipo de descrição tem dois problemas. Primeiro, negligencia a complexidade do fenómeno emigratório e a importância que muitos desses brasileiros tiveram no desenvolvimento económico e cultural das povoações de que eram naturais. Segundo, desconsidera que a própria carreira literária de Camilo pode ser descrita como uma narrativa de emancipação, combinada com estratégias para promover solidariedades locais. Abordando estes problemas, este ensaio argumenta que o “Brasil” de que precisamos para enfrentar os tempos de crise, por estar em toda a parte, pode realisticamente estar na nossa própria São Miguel de Seide.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Camilo Castelo Branco. *Onde está a felicidade?*. Brasil. Emigração.

Tal como está cheia de expressões seivosas, a obra de Camilo Castelo Branco também está cheia de metáforas gastas e imagens requentadas. Mas se um espírito mais distraído traz essa questão à baila, os admiradores das suas qualidades prontamente o advertem de que não podemos esquecer que Camilo, em nome da subsistência, vestia o hábito de um forçado das letras. Conto-me entre estes profundos admiradores do autor de *Amor de Perdição*, *Amor de Salvação* e *A Queda de um Anjo*. Ninguém lhe pode tirar a glória de ter sido o único escritor profissional de um país onde um escritor não se sustentava. Camilo era perseguido pelas preocupações financeiras, pelos compromissos com os editores, pelos dissabores com a família e pelos infortúnios da saúde. A única saída era escrever compulsivamente, prestando serviços de excitação mediática a uma corte – considerada grande naquele tempo – de mil leitores fiéis.

* University of California Santa Barbara. Department of Spanish and Portuguese – acorreadesa@ucsb.edu

As biografias contam-nos que os capítulos da sua vida foram tão sensacionalistas e tão empolgantes quanto as suas novelas. Jorge de Sena (1981, p. 121), louvando-o perante um público que se tinha acostumado a desdenhá-lo, descreve-o como uma “Personalidade demoníaca, das que se arrastam e aos outros sempre para as situações mais difíceis”. Mesmo trabalhando num ritmo infernal, Camilo nem sempre era capaz de manter um nível razoável de estabilidade financeira. Em 1883, para fazer face às despesas, viu-se mesmo obrigado a leiloar alguns dos volumes da sua preciosa biblioteca. Quando penso nele, imagino um velho herói fisicamente esgotado, meio cego, sempre com os dedos sujos de tinta, escrevendo livros que devemos continuar a ler. As páginas que se seguem desenvolvem e ilustram uma sugestão acerca de como e por que ler Camilo em tempos de crise.

Apesar da aura especial que rodeava o seu nome, o autor de *Coração, cabeça e estômago* não tinha a sorte de agradar a todos os leitores. A vertente comercial determinava uma parte considerável das suas criações, quer na pieguice ultrarromântica, quer na caricatura irónica. Sem outra fonte de rendimentos para além do trabalho literário, Camilo dava o melhor de si para atender às solicitações do mercado, que tendencialmente dá preferência a produtos consistentes, homogêneos e previsíveis. Constrangido pela necessidade de encontrar os ouvidos de editores e de leitores atentos, não se acanhava em repetir esquemas narrativos, tópicos, lances empolgantes e personagens compatíveis com a dieta romântica em que o público letrado era versado. Ilustrando a sua condição de “forçado das letras”, Jacinto do Prado Coelho (2001, p. 62) cita um passo de Teófilo Braga que alude à natureza e ao teor das relações comerciais que se estabeleciam entre autor, editor e leitor: “Pelo nome dos editores se conhece muitas vezes a índole dos seus escritos: um F. Gomes da Fonseca exige livros religiosos; a empresa Comércio do Porto só paga romances da mais paradisíaca honestidade; a casa Moré propende para a referência aos romances históricos; Chardron explora o escândalo, os livros de polémica”.

São célebres as críticas à natureza emaranhada e desfigurada das narrativas camilianas e mais célebres ainda as distinções que opõem a endosfera de base romântica típica de *Amor de Perdição* à matriz descritiva realista de *Os Maias*, dando força ao argumento de que o sentimentalismo transbordante de Camilo enfraquece a capacidade da linguagem se acomodar com exatidão em torno das formas da realidade. O próprio Eça tentou estragar-nos o prazer de ler as novelas camilianas, afirmando que Camilo até podia conhecer mais palavras do que qualquer outro escritor, mas a prosa tendia a sair-lhe empastelada. Não obstante, penso que será mais estimulante formularmos a diferença entre os dois maiores prosadores oitocentistas de Portugal em termos menos jocosos e mais produtivos. Por um lado, é um erro atribuir a Eça o direito de escolher a arma e o local de duelo. Por outro,

não podemos relevar que Camilo trata as alfaías sentimentais da escola romântica da mesma maneira prática que trata mais tarde as alfaías descritivas dos realistas. Lágrimas, alegrias ou lama são meras ferramentas de que ele se serve para atingir os seus objetivos estéticos e comerciais. O modo como *Eusébio Macário* desfruta do quadro de referência da escola de Zola, ao mesmo tempo que levanta uma nuvem de poeira em torno dela e a denuncia como uma má ideia, é bom exemplo disso.

No prefácio a *Um homem de brios*, depois de lamentar o fiasco comercial de *Onde está a felicidade?*, Camilo Castelo Branco (1983, p. 423) declara a sua preferência por uma existência passada ao ar livre, caminhando pelas vizinhanças, intransigente com as experiências pictóricas dos laboratórios naturalistas: “Se posso espalhar alguma flor sobre a chaga do vício asqueroso, antes quero que os experimentados me taxem de imperfeito nos traços, e que os inocentes vejam as imperfeições sem conhecê-las”. E prossegue, algumas linhas adiante, em termos ainda mais diretos: “Vivamos neste mundo com os nossos heróis e os nossos leitores” (BRANCO, 1983, p. 424). Estas valiosas observações demonstram que o *modus operandi* de Camilo acompanha de perto as dimensões vitais do seu leitor, calcorreando com ele as chãs e os outeiros do devoto Minho e abrindo-se à pluralidade de linguagens disponíveis nos planos de horizontalidade estendidos no seu entorno.

Lendo Camilo sob este ponto de vista, encontramos boas razões para emendar a infeliz ideia de Eça de que a influência do velho modelo romântico desvaloriza o valor facial do realismo camiliano. A aptidão para manter o contacto com a organização social não é equivalente ao esforço de produzir interpretações pictóricas perfeitas da vida privada, transpondo-as para superfícies lisas e sem costuras à vista. Dizer que Camilo se alimenta das fontes de emoção do público não é o mesmo que dizer que o escritor se embrulhou de tal modo na indústria do relaxamento que acabou por renunciar à possibilidade de ancorar um discurso irreverente, análogo, no seu poder crítico, ao que atribuímos a Eça. Não vejo razões para que um mundo de idealismos passionais e de materialismos irónicos não possa sair de si mesmo, mesmo quando constitui uma fonte de distração e de prazer para muito boa gente. Se nos livramos desse preconceito, ficaremos livres da tentação de ler a obra de Camilo paralelamente à de Eça. E disponíveis, consequentemente, para ver as suas novelas não como uma forma de vida cultural que não foi capaz de resistir à obsolescência, mas sim como instrumento de entretencimento comunitário que faz com que Camilo esteja ainda presente nas situações íntimas contemporâneas como um estímulo à ação.

No excelente artigo “Aquilo a que se chama amor. As histórias por detrás das histórias que conta Camilo”, João Camilo dos Santos (1991) evidencia que por detrás das ficções aparentemente convencionais das novelas camilianas se produz um sentimento de revolta perante os dogmas e os moralismos abastardados da sociedade burguesa. Por isso, o génio imperfeito de Camilo dá espaço a que

negociemos com as histórias que se ocultam por detrás das histórias. No que se segue, começo por seguir o conselho de João Camilo e procurar uma história por trás da história de *Onde está a felicidade?*. Publicada em 1856, esta narrativa é geralmente creditada como a primeira crítica do autor à lógica capitalista que, em meados do século XIX, se impunha na sociedade portuguesa.

Quero começar por sugerir que há uma passagem do prólogo dessa *crónica de infortúnios* que nos permite estabelecer paralelismos entre Camilo, o Brasil que Camilo inventa e os brasileiros de torna-viagem que Camilo tão violentamente ataca. Aviso desde já que não vou me estender nem no enredo do romance, nem enveredar pela teoria da felicidade que o romance enuncia ou pelas críticas que esboça sobre a construção social e os valores éticos e morais da realidade burguesa. O que me interessa pôr em evidência é uma história que encontro por debaixo dessa história. Mas antes de continuar a exposição, é preciso passar uma vista de olhos pela situação económico-social de Portugal naquela época, nomeadamente no que diz respeito ao fenómeno emigratório que aproximou as duas margens do Atlântico durante a segunda metade do século XIX.

Mesmo com as reformas estruturais de Fontes Pereira de Melo, que trouxeram comboios, estradas e pontes a uma parte considerável do território nacional, nos meados do século XIX a economia da província portuguesa dependia basicamente de uma agricultura de subsistência. Com a exceção de alguns enclaves, praticamente não havia indústria. Muitas regiões não dispunham nem de meios de transporte regulares, nem de uma rede dinâmica de circulação de capitais. Proprietários ausentes, baixa produtividade das culturas e a exiguidade dos mercados internos tornavam escassos os recursos para melhoramento das explorações agrícolas. No Norte do país, a região mais densamente povoada, para piorar, as propriedades eram maioritariamente de pequenas dimensões, fragmentadas e dispersas, desencorajando esforços sistemáticos para promover a modernização tecnológica e a mecanização.

Este contexto dificultava o crescimento económico. O país dependia das remessas do Brasil e dos empréstimos da Inglaterra e da França. Apesar dos importantes investimentos públicos, o país continuava “atrasado” relativamente à Europa. A esmagadora maioria dos portugueses continuava a viver miseravelmente, sem grandes razões para julgar que o futuro seria muito diferente do passado. Logicamente, para a única solução que se apresentava para muitos era emigrar. A praça comercial do Porto aproveitava a “vasta rede comercial, de predominância alimentar, que ligava o Porto ao Brasil e vice-versa” (COELHO, 2001, p. 202) para estimular os canais de emigração para as terras de Vera Cruz. Lidando com as transformações estruturais provocadas pela independência e pela abolição da escravatura, as paisagens tropicais do Brasil eram nesse tempo uma solução

para as empobrecidas famílias portuguesas, que viam na esperança de um filho “brasileiro” o projeto de um futuro melhor. O êxodo em busca da fortuna deixou muitas povoações dos distritos do Porto, Braga e Aveiro praticamente desertas. Os estudos de Joel Serrão (1974) ajudam-nos a ter uma ideia dos estragos massivos originados pelo surto emigratório: basta dizer que entre 1850 e 1930 o número de portugueses que decidiu abandonar o país é superior a um milhão. A maioria teve o Brasil como destino. Vendo-se sem as reservas de mão-de-obra barata que alicerçavam a rentabilidade das explorações agrícolas nacionais, os proprietários fizeram ouvir os seus protestos, promovendo um amplo debate sobre a questão emigratória na sociedade portuguesa.

Como se sabe, a figura do “brasileiro de torna-viagem” torna-se um dos alvos favoritos de Camilo. Jacinto do Prado Coelho (2001, p. 401) observa mesmo que “os retratos do “brasileiro”, do negociante, do barão, são casos especiais, geralmente não passam de caricaturas grotescas”. Esta consideração, aliás, peca por eufemismo. Camilo nunca encapota a repugnância que nutre pelos emigrantes que regressam ricos do Brasil. Todavia, não vejo motivo para continuarmos a reproduzir um juízo estereotipado que nos instrui a tratar como idênticos os diversos casos de portugueses que tiveram sucesso nas suas aventuras além-fronteiras. Assim, o brasileiro que pretendo sublinhar nas páginas seguintes não é propriamente a figura ridícula, infame e perversa que surge nas novelas de Camilo, **mas a que nela sobrevive apesar de Camilo**. Parece-me, nesse sentido, que o *topos* do “brasileiro” remete para uma experiência cultural ainda hoje passível de ser ouvida. Por um lado, a agenda moral de Camilo insiste que tem de haver alguma coisa errada com a corja de gente que ergue altares ao negócio e ao lucro e identifica nos homens de negócio regressados do Brasil um modelo paradigmático dessa falta de escrúpulos. Por outro lado, também temos boas razões para argumentar que o processo de autocriação de Camilo, que se apresenta sob a forma de uma ofensiva vital culminada com a subscrição terapêutica do seu próprio Brasil, partilha com esse *topos* uma série de aspetos. Construir o seu Brasil em São Miguel de Seide foi a consequência normal de quem toda a vida lutou como um condenado para superar as crises de uma existência sujeita a uma sucessão de ameaças. Sou mesmo tentado a garantir que aí reside uma das forças atuantes do seu discurso, sobretudo se o virmos como resposta à pleora de motivos geopolíticos, económicos e mediáticos que, nos nossos dias, se encarrega de estagnar focos de rebeldia e energias democráticas.

Filho bastardo, sem meios de fortuna para além do próprio ofício, Camilo viu-se obrigado a navegar nos oceanos editoriais para se desembaraçar de uma existência constantemente ameaçada pelo excesso de créditos. Publicitou o seu nome e os seus trabalhos, engendrou polémicas que lhe dessem visibilidade, em Portugal e no Brasil, desejou a consagração social e as mais-valias de um título aristocrático, que veio a obter. Mas nunca deixou de contar nos seus livros histórias apropriadas ao passado e ao destino dos seus companheiros humanos. E

ainda que um livro como *Amor de Perdição* não torne a ser, como durante muito tempo foi, um laço entre os avós, os pais e os netos, se quisermos, continuaremos a encontrar nas novelas camilianas um registo concreto e detalhado sobre experiências de vida, frequentemente brutais e injustas, que nos estimulam a agir sobre o nosso mundo.

Tendo em conta a última afirmação, por que ler Camilo hoje, em tempos de crise? A minha tese consiste na sugestão de que Camilo Castelo Branco abre um espaço imaginativo apropriado para a manifestação das energias democráticas de que tanto estamos deficitários. Para ilustrar melhor o que quero dizer, proponho então que examinemos um breve passo do prólogo de *Onde está a felicidade?*. Ambientado durante os dias tumultuosos que antecederam a invasão francesa do Porto por Soult, em 1809, nesse prólogo conta-se a história de vida de João Antunes da Mota, o dono do tesouro que, décadas depois, Francisco e Augusta descobriram enterrado no sobrado. Natural da Lixa, João Antunes tinha sido conduzido ainda rapaz até ao Porto pelo tio materno, António Cabeda, com o objetivo de embarcar para o Brasil. Estando os dois no cais da Ribeira, aproxima-se deles um bacalhoeiro estabelecido na Fonte Taurina. Apercebendo-se de que o rapaz ia ser despachado para o Brasil, propõe-se empregá-lo nas suas lojas. Tivesse o miúdo vontade de progredir e cabeça para se orientar, acrescentava o comerciante, o Brasil tanto era no Brasil como noutra lugar qualquer:

[...] quer vossemecê deixá-lo comigo? **O Brasil é em toda a parte. Tenha ele cabeça, e boa aquela para o negócio, que o mais em toda a parte se arranja dinheiro.**

— Tu queres ir ou ficar, rapaz? — perguntou o tio, atirando com a perna direita sobre o pau de lodo.

— Eu... — resmungou o rapaz, fazendo em torcidinhas a borda do barrete.

— Vá... é decidir! Isto é maré de encambar enguias. Assim, como assim, este senhor diz bem: o Brasil é em toda a parte. Queres, ou não queres?

— O que vossemecê quiser; eu antes quero ficar mais perto da minha gente. Acho que o Brasil é lá por aí abaixo muito longe.

— Está dito! — exclamou o lavrador, assentando uma palmada na espádua roliça do bacalhoeiro — o rapaz fica com vossemecê. Trate-mo bem, que ele, a respeito de ler e escrever, é como se quer: e de forças? Isso então, com licença de vossemecê, levanta-lhe aí do chão duas arrobas nos dentes.... Anda lá, rapaz. (CASTELO BRANCO, 1983, p.180, grifo nosso)

Nos anos seguintes, João Antunes da Mota trabalhou afincadamente e ganhou a confiança do patrão, que o casou com a filha e lhe deixou o negócio e o apelido. Tendo enfiado sem descendência, decidiu trespassar as mercearias, e aplicar o capital emprestando-o a juros a fidalgos arruinados. É verdade que João Antunes se tornou uma pessoa desprezível, avaro, oportunista, corrupto e usurário, tendo acabado por morrer no célebre desastre da ponte das barcas, depois de enterrar a fortuna para a esconder dos invasores franceses. Não obstante, não me cabe aqui comentar o facto das suas atitudes estarem ou não à altura do impulso democrático que encontro em Camilo. O que importa para o meu argumento é que na história de vida de João Antunes da Mota se expressa a noção de que há alternativas às alternativas mais imediatas. Esta passagem lê-se, em primeiro lugar, como uma apologia em defesa dos projetos de existência que estabeleçam as energias de transcendência a partir de um núcleo *local* e de conexões vitais de alto rendimento.

A noção de que **o Brasil pode ser em qualquer parte** possui intensidade suficiente para nos encorajar a pensar que, mesmo diante do inescapável capitalismo mundial, como até agora tem sido, ainda temos a responsabilidade de escolher e de promover o tipo de globalização que queremos ter e a responsabilidade do tipo de ser vivo que escolhemos ser num ecossistema global caracterizado por distúrbios e por interconexões. Se o examinarmos sob a perspetiva de uma retórica interna desenvolvida para os fins de um programa de aperfeiçoamento pessoal e cívico, o “Brasil” das ficções de Camilo deixa de ser **apenas** metonímia da corrupção do sistema capitalista emergente no Portugal oitocentista para ser visto **também** como metáfora para o processo através do qual exploramos a existência da nossa casa comum em condições de precariedade e de resiliência.

Em segundo lugar, essa passagem que acima transcrevi também se lê como uma crítica ao sistema que promove o abandono das fronteiras nacionais, tratando-as como uma reserva de ativos passíveis de rentabilização em outras partes do mundo. Pensar que o Brasil pode ser em toda a parte pode perfeitamente encorajar-nos a aprovar leis e medidas políticas que promovam a transformação das nossas crenças, práticas e instituições, rumo a uma experiência comunitária mais bem-sucedida. O facto de as suas personagens e lances novelescos estarem ou não à altura das autoimagens do escritor não impede que Camilo se apresente como uma figura inspiradora para a tarefa de escorar e refinar as experiências democráticas de que agora dispomos.

Justamente porque ilumina formas específicas de vulnerabilidade, esse passo também nos incentiva a lutar por uma experiência mediante a qual as pessoas possam ficar mais próximas das suas gentes, agarradas aos seus costumes e prestando-se mutuamente assistência, sem que isso se torne fatalmente sinónimo de provincianismo. Foi precisamente isso que fizeram muitos desses brasileiros retornados, investindo os seus capitais na expansão da economia e no melhoramento do nível de vida das suas comunidades. Celebrando e preservando as tradições a

que pertenciam, ao mesmo tempo que as abriam a outras formas de vida e a outras tradições igualmente ricas em recursos intelectuais, morais e espirituais.

Se quisermos compreender a hipersensibilidade de Camilo em relação aos sucessos dos brasileiros de torna-viagem, é preciso começar por recordar que entre os portugueses é comum receber-se com ressentimento o triunfo daqueles que transcenderam as contingências em que vieram ao mundo. Não quero com isto dizer que as críticas de Camilo são sempre injustificadas. É perfeitamente natural que muitos destes emigrantes regressados fossem figuras desprezíveis e ordinárias, corrompidas pela lógica predatória do capitalismo selvagem – criaturas tão desprezíveis como outras que nunca foram capazes de impelir as suas vidas para lá dos limites cadastrais do nascimento. De qualquer maneira, como há pouco rebati, não devemos ir longe demais nas objeções que Camilo apresenta à figura do brasileiro. Há brasileiros como o Conde de Ferreira, o Barão de Bouças e o papá Monforte, e há brasileiros como Luís Bernardo de Almeida, contrapondo as sempre estereotipadas descrições que existem nos livros de Camilo. Assim, atendendo àquele propósito de colocar em evidência a história que encontro por debaixo da história camiliana, e de alguma forma evocando memórias afetivas que são caras à minha família, como às de muitos outros portugueses, permitam-me dedicar algumas linhas a seguir à história deste “brasileiro de torna-viagem”, que se tornou um célebre benemérito de Macieira de Cambra, anónima freguesia da comarca de Oliveira de Azeméis, situada nas margens do Rio Caima¹.

Nascido em 1859, Luís Bernardo de Almeida, aos nove anos de idade, “abalou de tenra idade para além Atlântico na companhia de sua mãe, D. Josefa, e de seu primo António de Almeida Pinho, fixando-se em terras de Vera Cruz” (Aguiar, 1975, s/p). No Rio de Janeiro, começou uma vida de labuta e de sofrimento físico (desenvolveu febre amarela, varíola e pneumonia) que culminou na fundação, em 1881, da Fábrica de Cofres e Fogões Progresso – “toda feita de ferro nacional” e “habilitada a produzir cofres, fogões, ferros de engomar, caixas de água, portas e portões de ferro e aço e em geral todo e qualquer trabalho de fundição e serralheria” (Fundição Progresso, s/d). A Fábrica Progresso – cuja designação alude à filiação maçónica do seu fundador – rapidamente se destacou na economia carioca, valendo a Luís Bernardo uma comenda da Real Ordem Civil do Mérito Industrial,

¹ Devo as informações sobre Luiz Bernardo de Almeida a Ângelo Augusto da Silva Pinho, que gentilmente me disponibilizou o seu criterioso estudo biográfico do comendador, a aguardar publicação. Aproveito para lhe manifestar aqui os meus agradecimentos. Embora esteja disponível a biografia do comendador da autoria de Adelino Almeida, publicada em 2007 pela Fundação Luís Bernardo de Almeida, não tive a oportunidade de consultar esse volume enquanto preparava este trabalho.

distinção com que foi agraciado pelo governo brasileiro pelos valiosos serviços industriais e comerciais prestados ao país. Durante a primeira década do século XX, já comendador, Luís Bernardo de Almeida regressou do Brasil e instalou-se definitivamente em Macieira de Cambra, embora fosse regularmente ao Rio de Janeiro para supervisionar os negócios que lá mantinha. Angustiado com a miséria e com o sofrimento que via entre os seus, no restante da sua vida o comendador dedicou grande parte do seu tempo e do seu capital a atividades filantrópicas.

A lista dos melhoramentos em Macieira de Cambra que, nas quatro décadas seguintes, ostentou o seu nome é digna de registo: construiu, oferecendo-o ao Estado em 1910, um moderno edifício para instalar a escola, dispondo de residência para o professor, cantina, recreio, balneários e água corrente; subsidiou as obras de ampliação do cemitério, que a Junta de freguesia não tinha como pagar; construiu parte das estradas que melhoraram o acesso aos concelhos vizinhos de Arouca, Castelo de Paiva e São João da Madeira; emprestou, sem juros, o dinheiro para que a Junta Autónoma das Estradas abrisse e pavimentasse 25 quilómetros de estrada, entre Cepelos e o Rio Teixeira, ligando Macieira de Cambra ao distrito de Viseu; em 1923, criou a Empresa de Transportes Progresso, primeira empresa de transportes públicos do concelho. No campo cultural, subsidiou, em 1919, a Banda de Música local e contribuiu, com outros conterrâneos, para a construção, no começo da década de 40, do edifício do Centro Recreativo, Musical e Literário. Em matéria de cuidados de saúde, o comendador patrocinou, juntamente com o primo António de Almeida Pinho, a instalação de uma moderna casa de saúde, equipada com uma farmácia. A ideia era convertê-la no hospital do concelho, mas a transferência da sede concelhia de Macieira para Vale de Cambra (um pequeno terramoto local) impediu que esse projeto visse a luz do dia. Para além disso, Luiz Bernardo de Almeida adjudicou a construção de dezenas edifícios para combater o desemprego em tempos difíceis; também subsidiou programas para combater os elevados índices de analfabetismo, auxiliou com mensalidades as famílias mais pobres de Macieira e resolveu problemas de abastecimento de água.

Quando morreu, em junho de 1947, aos oitenta e sete anos de idade, sem descendência, o comendador determinou que grande parte dos seus bens e “haveres” seria destinada à fundação de um Asilo de Inválidos. Instituída em 1957, a Fundação Luís Bernardo de Almeida continua hoje a cumprir a missão de prestar apoio a “pessoas inválidas e desvalidas de ambos os sexos” que lhe foi atribuída pelas disposições testamentárias do comendador. No Rio de Janeiro, origem da sua fortuna e da sua comenda, o seu nome ainda está cinzelado na antiga fachada da fábrica que construiu. A Fábrica Progresso encerrou as suas atividades em 1976, mas o icónico edifício da Lapa foi convertido, poucos anos depois, na sede do que, entretanto, se tornou um dos mais consagrados centros culturais e palcos de espetáculo do Rio – a Fundação Progresso. Num vale de pequenas aldeias e humildes casitas, esta hagiografia fala por si.

Evoquei o caso de Luís Bernardo de Almeida porque essa história se entretetece com parte da história da minha família. Nos álbuns ainda encontro velhas fotografias (com uma definição surpreendentemente boa) de festas na Quinta Progresso, residência do comendador, que a construiu de raiz em 1915. Em algumas distingo, muito loira e de olhos claros, a minha avó de vinte anos, encarregada, nesses tempos, da alfabetização da D. Marinha, a senhora com quem Luís Bernardo de Almeida, depois de enviudar da austríaca Ana Horvath, casou em segundas núpcias. Com influências estéticas “brasileiras”, como não podia deixar de ser, a residência, de dois pisos e rodeada por jardim e pomar, era ladeada por uma varanda suportada em colunas de ferro e abrigada por vitrais coloridos. O meu pai ainda guarda pitorescos chapéus de palhinha fabricados há mais de um século no Rio de Janeiro e três ou quatro pesados ferros de engomar, fabricados em ferro forjado, estampados com o selo “Fábrica Progresso – Rio de Janeiro”. O engenheiro que dirigiu as obras da estrada para Viseu era o tio Luís, irmão do meu avô paterno. Um tio materno deles, o Chico Pinho, amigo mais íntimo do pai de minha avó, foi contabilista na Fábrica Progresso durante os anos em que esteve emigrado no Brasil. Minha avó ensinou durante quatro décadas na escola inaugurada pelo comendador no ano em que ela completou três anos. E quando os meus avós casaram, em 1950, foram viver para a casa na qual, anos mais tarde, se estabeleceu a sede da Fundação Luís Bernardo de Almeida – a infância do meu pai, nascido dois anos depois, foi passada nesse casarão de província.

Como disse, podia ter evocado a história de outro comendador. Não há nada de excepcional no caso de Luiz Bernardo de Almeida, para além do sentimento de identidade pessoal que, por motivos contingentes, me aproxima destes episódios. Como observa Eugénio dos Santos (2000, p. 17), “quase todas as aldeias do noroeste português abrigaram benfeitorias introduzidas por algum brasileiro”. O importante destas histórias é que são parte das marcas de origem e do rizoma de reciprocidades a que, apelando a um sentido umbilical, temos o costume de chamar Tradição. Nesse sentido, podemos retomar o prólogo de *Onde está a felicidade?* e admitir que, ao chamar a atenção para a história de João Antunes da Mota, Camilo acaba por guiar a conversa numa direção que talvez não tenha planeado, fazendo-nos observar sob outro ângulo os brasileiros das suas novelas. À semelhança do que ocorre com Macieira de Cambra, numerosas aldeias e vilas de Portugal têm orgulho nos filhos que saíram em direção ao Mundo Grande e dele voltaram com outro rosto, outras roupas e outros hábitos – o rosto, as roupas e os hábitos de “brasileiros” decentes e solidários, com vontade e dinheiro para encabeçar o *fomento económico* e contribuir para aliviar o sofrimento dos seus companheiros. É essencial lembrar que, tal como Luís Bernardo de Almeida, muitos destes brasileiros decidiram transformar os lucros brasileiros em ganhos de liberdade em Portugal, recorrendo a gestos filantrópicos e a investimentos económicos.

O esboço biográfico da maioria não é o do Conde de Ferreira. Muitos deles não eram movidos por uma consciência torturada, mas pelo simples desejo de atenuar a miséria que grassava no “perpétuo jardim” de que eram naturais. Como Luiz Bernardo de Almeida, eles tiveram grande impacto nas economias da província, injetando o espírito empreendedor e os capitais de que estavam necessitadas. Dedicaram-se a obras de caridade. Mandaram erguer casas e palacetes, escolas primárias, igrejas e hospitais, jardins e fontenários. Custearam asilos para os desamparados e prédios modernos para a administração pública. Quiseram ganhar o respeito dos conterrâneos, embelezar as suas aldeias e melhorar a qualidade de vida nas suas aldeias. A verdade é que muitos destes brasileiros se dedicaram mais do que os governantes à tarefa de ajudar os seus companheiros a imaginar situações existenciais alternativas no âmbito de modos de vida tradicionais.

No aclamado e controverso *O Capital no século XXI*, Thomas Piketty (2014) argumenta que os dogmas capitalistas têm mantido as sociedades da Europa e dos Estados Unidos num círculo vicioso de desigualdade económica. Implícita nesta tese está a queixa de que a atuação dos governantes tem frequentemente fracassado na missão de zelar pela diminuição da crueldade e da humilhação causadas pelo abismo entre ricos e pobres. Em muitos casos, o decréscimo de sofrimento foi obtido mais pela rebelião, imaginação e energia colaborativa transmitidas pelos movimentos sociais do que pela regulação por parte dos políticos dos mecanismos predatórios que se apoderaram das sociedades urbanas liberais. Enquanto pactuavam com os mecanismos de concentração de riqueza, os governos, os bancos e os empresários limitaram-se a apaziguar a tensão entre classes, e a atravancar a imaginação e a criatividade dos jovens com os fetiches do consumo.

É difícil imaginar futuros alternativos em situações marcadas por altos níveis de desemprego estrutural, baixa competitividade económica e uma cultura política débil. Tanto em Portugal como no Brasil, os sonhos de modernização e de progresso têm deixado parte importante das populações numa situação de vulnerabilidade crescente. Desmistificando a civilização, Eça de Queirós predicou com crispção as esperanças de abalar o *status quo* perfilhadas pelo método realista. Isto é particularmente válido para os seus heróis maiores, como Carlos da Maia, Jacinto e Fradique Mendes. Caracterizados pela invulnerabilidade e pela facilidade com que se adaptam a todas as circunstâncias, *dandies* tecnologicamente avançados sempre flutuaram pelas paisagens do mundo sem qualquer atrito ou limitações de distância, na condição de turistas com pensão completa.

Em compensação, se abrirmos os mundos fechados de Camilo reconheceremos as obstruções que um pensamento essencialmente pedestre coloca à bem-aventurança das experiências oceânicas de liberdade. No que concerne à capacidade de justapor

um conjunto de vozes oriundas das paisagens de terra firme da Lusitânia profunda, as novelas de Camilo têm um caráter ilustrativo. Para aludir apenas a um exemplo concreto desta capacidade é suficiente transcrever a fórmula graciosa com que o narrador de *Amor de Salvação* descreve a mulher de Afonso de Teive: “Era uma senhora para não se descrever em romances e para admirar-se entre seus filhos” (Camilo, 1985, p. 636).

Vale notar que esta fórmula nos sugere que, mais do que moldar-se em torno da essência da realidade, o idioma de Camilo procura incorporar a forma do próprio país. Retomando a distinção que acima tracei entre Camilo e Eça de Queirós, parece-me pertinente, nesse sentido, sugerir que parte do sucesso da narrativa camiliana tem justamente a ver com o facto de Camilo olhar para a forma literária como um maciço linguístico de alta densidade, conduzido através de vias vernaculares e esferas de ressonância até ao entretencimento com as condições de morada do público a que se destina. Acrescento, por isso, mais uma breve conclusão.

No contexto da situação presente, marcada pela biopolítica do capitalismo predatório, pela psicopolítica de base algorítmica e pelo quadro cultural que Gilles Lipovetsky (2007) denomina “sociedade do hiperconsumo”, a mundividência da novela camiliana – que trabalha com referências temporais alargadas em esferas espaciais comparativamente restritivas – recorda-nos que certos tipos de liberdade se encontram no interior da comunidade. Voltando mais uma vez ao passo de *Onde está a felicidade?* que me tem servido de pretexto para estas observações, concluo que a ideia de que o Brasil pode ser em toda a parte contrária com uma perífrase elegante e polémica a topologia capitalista da economia global. Fá-lo delineando modos de habitar que, tanto nas dimensões mais polemológicas como nas dimensões escapistas, considero serem muito úteis para mudar os termos de compenetração com um mundo que empalidece dia após dia. Face à precariedade da nossa situação atmosférica atual, quer em termos económico-políticos quer ecológicos, Camilo dá-nos o incentivo de um céu inequivocamente doméstico. Talvez devesse expressar-me com mais prudência, mas não posso esquivar-me a reiterar o argumento de que, de um ponto de vista funcional, não é inapropriado afirmar que São Miguel de Seide equivale mais a uma espécie de Brasil para uso pessoal do que ao refúgio epicurista protegido por líricos arvoredos descrito por Jacinto do Prado Coelho. Se quisemos empregar uma metáfora farmacológica, bem adequada a tempos pandémicos, para louvar o modo como a novela camiliana produz um modelo de adequação e de compenetração com os portugueses distinto das teorias da Verdade como Correspondência, proponho recorrermos à metáfora do lipossoma.

Os lipossomas são vesículas anfifílicas, partículas esféricas que possuem uma região polar, que se relaciona com a água, e uma região apolar, que resiste ao contacto com a água. Daí resulta que as moléculas solúveis em água são incorporadas no núcleo e as moléculas lipossolúveis retidas na membrana, conferindo aos

lipossomas a capacidade de serem utilizados como vetores de transporte furtivo de alta eficiência e de libertação seletiva, servindo para encaminhar substâncias terapêuticas para locais específicos. A tarefa de sobreviver no mundo que resta depois do fim do mundo recomenda que, seguindo o exemplo de Camilo, devemos agir como lipossomas. Mas sem esquecermos que, quando a treva se aproxima, a nossa lealdade é, em primeiro lugar, devida aos nossos companheiros. Mesmo que a cobertura realista dos seus mundos não seja tão lisa quanto a dos adversários, a sua obra – vista como subscrição simbólica do seu próprio Brasil – prova-nos que, em tempos de crise, esta metáfora se pode tornar literal.

SÁ, A. C. de. *Vá para fora cá dentro – Camilo in times of crisis*. **Itinerários**, Araraquara, n. 50, p. 189-202, 2020.

■ **ABSTRACT:** *The readers of Camilo Castelo Branco (1825-1890) are familiar with descriptions of “brasileiros de torna-viagem” (emigrants who returned from Brazil) predominantly based on unflattering motives. However appropriate it may seem from the point of view of the Portuguese author, this type of description has two problems. On the one hand, it neglects the complexity of the phenomenon of emigration and the importance that many of these emigrants had in the economic and cultural development of their hometowns. On the other hand, it disregards that the novelist’s own literary career can be described as a story of emancipation, combined with strategies for building local solidarity. By addressing these problems, this essay argues that the “Brazil” that we need to face times of crisis, for being everywhere, can realistically be in our own São Miguel de Seide.*

■ **KEYWORDS:** *Camilo Castelo Branco. Onde está a felicidade?. Brazil. Emigration.*

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Augusto Carlos. Comendador Luís Bernardo de Almeida. Aveiro e o seu distrito. Disponível em: <http://ww3.ajeje.pt/avcultur/avcultur/Aveidistrito/Boletim20/Page17.htm>. Acesso em: 24 de março de 2020.

CASTELO BRANCO, Camilo. **Obras Completas**. Porto: Lello & Irmão Editores, 1983.

COELHO, Jacinto do Prado. **Introdução ao Estudo da Novela Camiliana**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

Fundição Progresso. A Fundição: Fábrica Progresso. Disponível em: <https://www.fundicaoprogresso.com.br/AFundicao/AcervoDigitalDetalhes/8>. Acesso em: 24 de março de 2020.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Tradução de Sarah Adamopoulos; rev. téc. Edgar Caetano. Lisboa: Temas e Debates, 2014.

SANTOS, Eugénio dos. “Os Brasileiros de Torna-Viagens no Noroeste de Portugal”. in **Os brasileiros de torna-viagens**. Lisboa: CNCDP, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

SANTOS, João Camilo dos. Aquilo a que se chama amor. As histórias por detrás das histórias que conta Camilo. **Revista Colóquio/Letras. Ensaio**, n.º 119, Jan. 1991, p. 60-75.

SENA, Jorge de. **Estudos de Literatura Portuguesa I**. Lisboa: Edições 70, 1981.

SERRÃO, Joel. **Emigração Portuguesa: sondagem histórica**. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

